

## **Crianças e COVID-19: Menos estudo e mais trabalho**

Luiz Henrique Tinoco Braga  
Graduando em Medicina (6º período)

A [Organização Internacional do Trabalho](#) considera o trabalho infantil uma grave violação dos direitos humanos, visto que impede crianças e jovens de se desenvolverem da melhor maneira possível. Sobretudo, o trabalho infantil representa um obstáculo para que crianças e jovens frequentem escolas, restringindo não apenas seu conhecimento acadêmico, mas também o leque de possibilidades para seu futuro. Nesse sentido, o trabalho infantil é posto como causa e efeito da pobreza, estando diretamente relacionado com o desenvolvimento de nações como um todo.

Globalmente, em 2016, cerca de 152 milhões de crianças entre 5 e 17 anos encontravam-se em condição de trabalho infantil, a maioria meninos, quase metade realizando trabalhos considerados perigosos, e a maioria (71%) trabalhando na agricultura. No Brasil, especificamente, há 2,7 milhões de crianças trabalhando, sendo que a Constituição Federal proíbe o trabalho de menores de 16 anos, excetuando-se a condição de aprendiz, a partir dos 14 anos, com o intuito de formação técnico-profissional.

Uma [reportagem](#) da ONG Repórter Brasil, de agosto deste ano mostrou a situação de jovens e suas famílias em Minas Gerais, trabalhando informalmente enrolando cigarros de palha para uma das maiores fabricantes do setor no país; situação essa compartilhada por milhares de outras famílias do centro-oeste mineiro: longas horas de trabalho, remuneração baixa, ausência de condições, EPIs e direitos trabalhistas. Com o advento da pandemia houve diminuição das já escassas oportunidades de trabalho na região, e sem aulas presenciais crianças e jovens trabalham enrolando fumo para complementar a renda familiar.

Em São Paulo, capital mais rica do país, a [UNICEF registrou aumento do trabalho infantil](#) nas famílias mais vulneráveis entre os meses de maio e julho. Dentre essas famílias, 30,4% dos responsáveis pelo domicílio perderam o emprego por conta da pandemia, outros 15,7% continuavam trabalhando com salário reduzido, e apenas 10,9% estavam trabalhando normalmente.

No momento, a crise econômica global resultante da pandemia de COVID-19 pode provocar um [aumento do número de crianças e jovens em situação de trabalho infantil](#), segundo a OIT e a UNICEF. Com a interrupção de várias atividades econômicas em resposta a pandemia houve aumento do desemprego, e muitas crianças

podem se encontrar na necessidade de trabalhar para garantir sua sobrevivência e a de suas famílias. Além disso, pode haver piora das condições das crianças que já trabalhavam, como aumento da jornada de trabalho.

Outros fatores de risco são o fechamento de escolas por conta da pandemia, e a impossibilidade das famílias arcarem com os custos necessários para que as crianças permaneçam estudando. Quando as aulas presenciais forem retomadas, será preciso identificar os casos de abandono escolar, para que nenhuma criança e adolescente sejam deixados para trás.

Segundo outra [reportagem](#) da Folha de São Paulo, os milhões de crianças e adolescentes brasileiros que estão sem aula há praticamente um ano, dos quais se estima que 30% abandonarão permanentemente os estudos, formarão uma “Geração COVID”. Como consequência, muitas crianças, sobretudo as mais pobres e em situação de vulnerabilidade social ficam expostas a diferentes mazelas, seja o trabalho infantil, a exploração sexual de menores ou a entrada no mundo do crime.

[Na Europa](#), a reabertura de escolas e a retomada às aulas presenciais estão sendo feitas, respeitando-se uma série de medidas preventivas. Contudo, há um intenso debate a respeito da melhor maneira de fazê-lo. Países como França, Portugal, Espanha e Itália exigem a desinfecção dos espaços, obrigatoriedade de máscaras, etc.

[No Brasil](#), a desigualdade socioeconômica aumenta o contraste entre alunos com diferentes condições de renda. Embora 71% dos domicílios brasileiros tenham acesso à internet, nas casas de classe social D (2 a 4 salários mínimos) e classe E (até 2 salários mínimos) essa proporção cai para 50%. Por isso, o ensino a distância não é uma realidade universal e teme-se que haja um descompasso grande entre aqueles que dispõem dos meios para permanecer estudando em casa e os que não.

Além dos novos desafios impostos pela pandemia, o COVID-19 está reabrindo feridas antigas ao ameaçar progresso alcançado nos últimos 20 anos em termos de redução do trabalho infantil. Portanto, para se combater esse efeito da pandemia, serão necessárias múltiplas intervenções, como políticas de redistribuição de renda, seguridade social, promoção de trabalho decente para adultos, dentre outras. Somente garantindo o presente das gerações mais novas, é possível garantir o futuro da humanidade.